



ESPAÇOS ARQUITETURAIS: ANÁLISE DA INSERÇÃO DO CENTRAL PARK NO ESPAÇO NATURAL

GUANAES, Larissa Alves.¹
CÍRICO, Mariana Pizzatto.²
TOPAN, Nathalia Fernanda.³
SIMONI, Tainã Lopes.⁴

RESUMO

Este artigo tem como objetivo a comparação entre os espaços arquiteturais, estabelecendo a diferença entre espaço natural x espaço artificial, utilizando-se do estudo de caso do Central Park em Nova York, nos Estados Unidos, para melhor entendimento da definição de espaço natural. Com base na teoria organizacional de espaços arquiteturais, proposta por J. Teixeira Coelho Netto, o foco do trabalho é se o Central Park pode ser considerado um espaço natural. Para tanto, o presente estudo traz as definições e diferenças entre o espaço natural e espaço artificial e um breve histórico sobre o Central Park, sua concepção e construção. Com relação ao método de abordagem, será utilizada a pesquisa descritiva com o estudo de caso. E a partir de então, análise do Central Park e qual a sua inserção dentro deste eixo, já que o mesmo se trata de um parque totalmente construído pelo homem. Através dos estudos de fundamentação teórica e das análises, chegou-se à conclusão de que o parque se trata sim de um espaço natural, sendo, portanto, embasado na teoria do homem oriental.

PALAVRAS-CHAVE: Teoria da Arquitetura, Espaço Natural, Espaço Artificial, Central Park, Nova York.

1. INTRODUÇÃO

O discurso arquitetural proposta por J. Teixeira Coelho Netto é fundamentado na definição de arquitetura como organização do espaço. Através do 4º Eixo, o do espaço artificial x espaço natural, inclui os espaços não construídos naturais, como os parques. O importante nesse eixo é que o espaço não construído – seja natural ou artificial, se integre ao tecido urbano, de forma que mantenha suas características de “espaço livre”, um espaço onde as pessoas se sentem livres e seguras e efetivamente confortáveis.

Assim, estabeleceu-se como problema de pesquisa: com base na teoria organizacional de espaços arquiteturais, proposta por J. Teixeira Coelho Netto, o Central Park pode ser considerado um espaço natural? Visando responder ao problema proposto, estipulou-se como objetivo geral comparar os espaços arquiteturais, estabelecendo a diferença entre espaço natural x espaço artificial segundo o autor J. Teixeira Coelho Netto, utilizando-se do estudo de caso do Central Park em Nova York, para melhor entendimento da definição de espaço natural. De modo específico, este trabalho

¹Aluna do oitavo período do curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário FAG. E-mail: larissa.a.guanaes@gmail.com.

²Aluna do oitavo período do curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário FAG. E-mail: maricirico@hotmail.com

³Aluna do oitavo período do curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário FAG. E-mail: nathalia.topan@hotmail.com

⁴Professora da Graduação em Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário FAG e orientadora da seguinte pesquisa. E-mail: tai_lopes@hotmail.com.

buscou: discorrer sobre o 4º eixo organizacional: natural x artificial conforme J. Teixeira Coelho Netto; apresentar o Central Park; analisar o Central Park com base no 4º eixo organizacional.

Buscando uma melhor leitura, este artigo foi dividido em seis partes. Começando pela introdução, passando pela fundamentação teórica (que é subdividida em duas partes, sendo uma delas a definição dos espaços naturais e artificiais e, finalizando com a apresentação do Central Park), depois pela metodologia, posteriormente entra-se nas análises e discussões, concluindo com as considerações finais e finalizando o artigo apresentando as referências bibliográficas.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 4º EIXO: ESPAÇO ARTIFICIAL X ESPAÇO NATURAL

No geral, encontram-se diversas definições para a palavra espaço. Entretanto, o espaço pode ser compreendido como uma realidade ilimitada, assim capaz de ser associado a tudo aquilo que existe, tendo como exemplo o próprio universo (RAMOS, 2010).

Para Bruno Zevi, 1996 "as quatro fachadas de um edifício constituem apenas a caixa dentro da qual está encerrada a joia arquitetônica, isto é, o espaço.”.

O espaço, o vazio, pode ser entendido como o protagonista da arquitetura, para ele, a arquitetura não provém de um conjunto de medidas dos elementos construtivos que finalizam o espaço, mas precisamente deste vazio, do espaço concluído, do espaço interior em que os homens habitam (ZEVI, 1996).

Segundo J. Teixeira Coelho Netto, 1999 a relação entre a arquitetura e o espaço não é somente a organização do espaço, mas também é o ato de criá-lo. A arquitetura por ser exercício de transformar e ordenar, pode ser associada a um jogo, no qual é dado por meio de atos primários de construir e organizar, atos como: subtrair e adicionar (OLIVEIRA, 2002, p. 135. *apud* ALVES, 2007).

O objetivo do entendimento sobre o que é espaço é de extrema importância para o conhecimento, pois o autor cria um método de organização do sentido do espaço, no qual J. Teixeira Coelho Netto, 1999 propõe a organização arquitetural através de um sistema, esse que é dividido em eixos facilitando a investigação dos significados livremente, utilizando o ponto de vista exigido da natureza de cada eixo, sem seguir o caminho que foi até aqui trilhado pela semiologia.

Sendo assim a separação de cada eixo foi feita para que o mesmo seja considerado de forma mais ampla possível, resolvendo as oposições de forma dialética (NETTO,1999).

O 4º eixo se trata de uma oposição constante, que faz referência a uma análise e se limita a alguns aspectos, quando levado em consideração sob o aspecto da oposição Espaço Construído, Espaço Não construído, esse eixo possui uma importância para o projeto arquitetural (NETTO, 1999).

De início, uma possível objeção deve ser afastada: se Arquitetura é *construção* de um Espaço (i.e., elaboração e proposição feitas *pelo homem*, por conseguinte um produto não existente na natureza), não seria por um lado tautológico falar num espaço arquitetural artificial e, por outro lado, inadequado e contraditório propor a noção de espaço arquitetural natural? (NETTO,1999,pg 56).

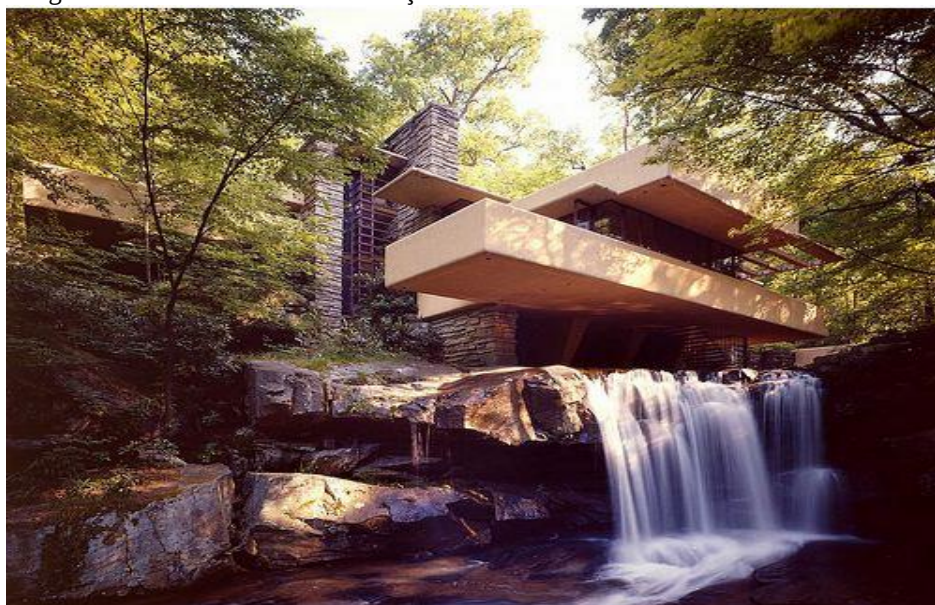
Segundo o autor J. Teixeira Coelho Netto não, pois antes de a arquitetura ser considerada uma construção no espaço ela se trata de uma disposição, organização de um espaço, que desse modo pode ser um espaço por ela criado como um espaço (NETTO, 1999).

E é aí que a inserção dos espaços se encaixam, através da arquitetura orgânica, onde o termo orgânico é desenvolvido e formulado através do meio natural, onde a arquitetura é inserida juntamente as estruturas da natureza. Um grande nome da arquitetura orgânica é o arquiteto Frank Lloyd Wright, o qual sempre buscou inserir a arquitetura ao espaço natural e é impossível não ligar o organicismo a Wright (FORESTI, F. DEBORA, 2008).

Um exemplo de suas obras é a Casa da Cascata (*Fallingwaters*) de F.L. Wright, pois o arquiteto criou um espaço artificial em um espaço existente, nesse caso natural, onde foi feito arquitetura (NETTO, 1999).

Wright sempre acreditou que uma casa de campo poderia se tornar parte da paisagem natural, com isso estudou cada centímetro do local e propôs a construção da casa sob um penhasco. Até para o próprio Wright, o projeto da Fallingwater é um feito impressionante, pois o mesmo nunca havia seguido convenções e foi aí então que criou um dos conceitos mais originais e impressionantes da arquitetura, fazendo com que cada elemento se interligue com o espaço natural e espaço construído, sem deixar em evidência a distinção entre ambos (MERRIL, et al., 2008).

Imagem 01: Casa da Cascata – Interação do ambiente natural x artificial.



Fonte: archdaily.com.br

Um ponto a ser observado é porque o conceito feito pelo homem ocidental sobre a natureza é inadequado, ele considera como um espaço natural, somente aquilo em que não houve intervenção do homem, como uma floresta virgem. Sendo assim essa ideia de espaço natural concebe em uma noção perfeita de natureza (NETTO, 1999).

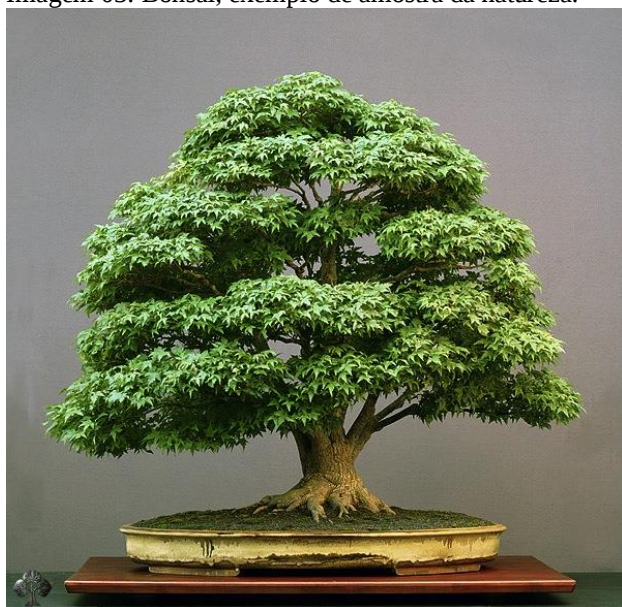
Imagem 02: Floresta virgem



Fonte: artzsale.com

O contraponto dessa ideia o homem oriental, levando em observação o japonês em específico, tem uma visão que pode ser considerada mais prática e mais própria à operação arquitetural. Ele considera como natureza desde uma quantidade de cascalho, como as pedras que se encontram em seu jardim, ou até mesmo um bonsai plantado por ele. Desse modo ele considera que essas amostras de natureza, proporcionam-lhe todas as sensações, tais como aqueles referentes a um espaço natural (NETTO, 1999).

Imagem 03: Bonsai, exemplo de amostra da natureza.



Fonte: bonsaiempire.com.br

O ponto de vista do homem oriental é mais prático, racional e apropriado à operação arquitetural. Considerado prático porque é impensável coexistir com a natureza em estado virgem e selvagem. Sendo assim é racional porque uma flor em um jardim não é ícone da flor de um campo, mas é ela mesma, e realmente uma flor (NETTO, 1999).

Outro aspecto pertencente a este eixo diz respeito à diferença entre os espaços arquiteturais não construídos sob suas duas possíveis formas, a artificial e a natural. Tendo como exemplo de um espaço não construído artificial: a Praça de São Marcos, em Veneza, na Itália (NETTO, 1999).

A Praça de São Marcos, em Veneza na Itália, se trata de um exemplo de espaço não construído artificial. O lugar está cercado por um labirinto de edifícios e ruas, o mesmo ocupa uma posição central diante do Canal e se conecta com a zona comercial da cidade. A praça aparenta estar fechada pelas construções em volta, dando a sensação de um espaço privado e definido (ARQUITETANDO, 2009).

A Praça de São Marcos forma um espaço não construído, verdadeiramente um espaço artificial, pois é consequência de uma construção que apresenta quatro lados, sendo um desses lados abertos, entretanto fechado por outra construção: a catedral. E o piso presente nela é totalmente calçado: sendo assim, o espaço é inteiramente artificial (NETTO, 1999).

Imagem 04: Praça de São Marcos, Veneza



Fonte: arquitetandoblog.wordpress.com

Tendo como exemplo de espaço não construído natural: Hyde Park, em Londres, trata-se de um espaço natural apenas com algumas obras humanas, que são: alguns caminhos internos, uma ou outra casa (NETTO, 1999).

Imagem 05: Hyde Park, exemplo de espaço natural.



Fonte: <http://mapadelondres.org/>

Desse modo o que interessa sobrelevar aqui é que em princípio não se pode priorizar um desses espaços em desvantagem do outro, nessas circunstâncias o espaço natural oferece ao indivíduo um lugar agradável. Entretanto o que vale ressaltar é que seja natural ou artificial, a solução mais adequada seja tal qual se integre no tecido urbano, como a Praça de São Marcos (NETTO, 1999).

2.1.1 Central Park

Em 1857, foi realizado um concurso que tinha como objetivo escolher o melhor projeto para a criação de um parque, no coração de Manhattan, em Nova York. Os vencedores foram Frederick Law Olmsted e Calvert Vaux, que juntamente com outros reformadores socialmente conscientes, que acreditavam que a criação de um grande parque público iria melhorar a saúde pública e contribuir bastante para a formação de uma sociedade civil (CENTRAL PARK CONSERVANCY, 2015).

Imagem 06: Vista aérea do parque Central Park, NY.



Fonte: <https://www.khanacademy.org>.

Para construção do parque foram adquiridos 750 acres, pela cidade, que nesse processo expulsou cerca de 1.600 pessoas da população, as quais viviam no terreno rochoso, da região pantanosa, incluídos nesta varredura estavam um convento e uma escola. Entretanto a cidade pagou pelos lotes a seus proprietários, com uma média de 700 dólares por lote de terra, porém esse valor

era considerado muito abaixo do mercado imobiliário, mesmo para aquela região de topografia indesejável, outro fator era que muitas das pessoas desalojadas moravam a uma vida naquela região e tinham ali seu meio de sobrevivência (WAXMEN, s.d).

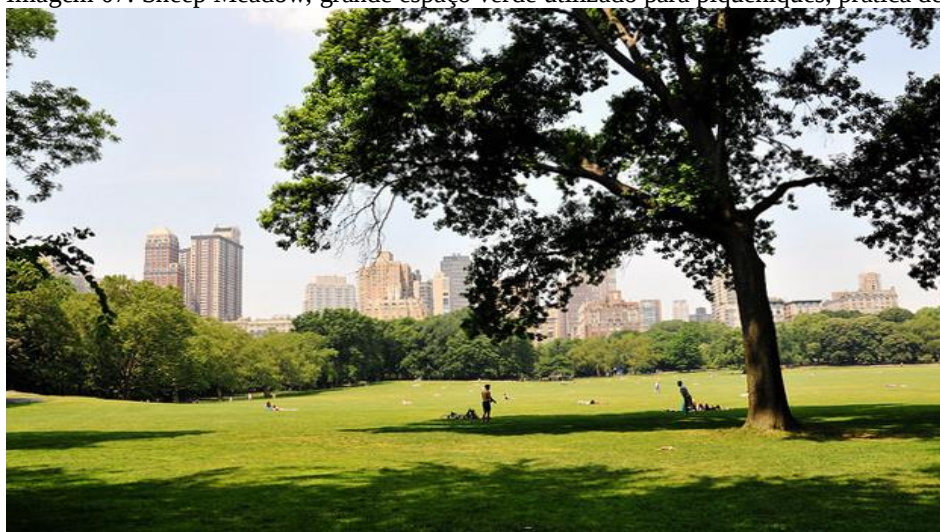
A cidade e os planejadores do parque escolheram essa região, pois os terrenos eram inadequados para a construção de edifícios comerciais, porém para a implantação de um parque era favorável, visto que o local oferecia vistas rochosas e pântanos que seriam convertidos em lagos (WAXMEN, s.d).

Em 1858, no inverno, o parque foi aberto pela primeira vez ao público, mesmo com a obra inacabada. Com paisagismo e construção de mais uma área adquirida pela cidade a fase final de construção iniciou-se em (WAXMEN, s.d).

Entre os anos de 1960 e 1970, a manutenção do Central Park entrou em decadência, apesar de o uso do parque aumentou significativamente, com shows, comícios, houve o declínio da manutenção geral (CENTRAL PARK CONSERVANCY, 2015).

Porém no início de 1980, houve a criação de campanhas de incentivo para manutenção do parque pela população, por empresas de cunho privado. Hoje, como o principal local de lazer a maioria dos nova-iorquinos, o parque nunca esteve tão bonito como em toda a sua história, além do que abriga milhões de visitantes que se dedicam anualmente em atividades no parque, sendo líder em espaços públicos, qualidade do movimento a vida, se tornou modelo para a criação de novos parques em toda a América e no mundo (WAXMEN, s.d).

Imagem 07: Sheep Meadow, grande espaço verde utilizado para piqueniques, prática de esportes etc.



Fonte: <https://www.khanacademy.org>.

Olmsted and Vaux ganharam a competição com o projeto chamado de “Greensward Plan,” o último de 32 projetos a ser enviado. Dois elementos distinguiram o projeto Greensward daqueles de seus concorrentes. Um deles era o puro fascínio de suas características da paisagem, transmitida em doze painéis que retratavam o antes e o depois do parque, que foram incluídos na sua apresentação. A outra foi a separação engenhosa de pedestres e do tráfego de carruagens (agora veicular) (KHAN ACADEMY, s.d.).

A competição insistia que quatro vias deveriam conectar o lado Leste e o lado Oeste de Manhattan, através do parque. Todas as propostas sugeriram colocar essas vias em cima da terra, cruzando e dividindo o parque em cinco zonas. No entanto, Olmsted e Vaux tiveram a ideia de colocar essas vias abaixo do nível do solo, criando uma extensão contínua do parque, sendo separado apenas pelas diferenças de topografia. Essa ideia inovadora, durante o período de obras, abriu caminho para que fossem construídas várias pontes, embelezando ainda mais a paisagem e acrescentando maiores características bucólicas ao parque (KHAN ACADEMY, s.d.).

Imagem 08: Gothic Bridge no Central Park, NY.



Fonte: <https://www.khanacademy.org>.

3. METODOLOGIA

Este trabalho terá como base metodológica a revisão bibliográfica e a pesquisa descritiva com estudo de caso. A **revisão bibliográfica** pode ser entendida segundo Vianna (2001) como a base que sustenta qualquer pesquisa científica. Proporcionando o avanço em um determinado campo do conhecimento é preciso primeiro conhecer o que já foi realizado por outros

pesquisadores. Medeiros e Tomasi (2008) apontam as principais fontes a serem consultadas para a elaboração da revisão bibliográfica são artigos em periódicos científicos, livros, teses, dissertações e resumos em congresso.

Já a pesquisa descritiva para Barros e Lehfeld (2000) não há a interferência do pesquisador, isto é, ele descreve o objeto de pesquisa. Procura descobrir a frequência com que um fenômeno acontece, sua natureza, características, causas, relações e conexões com outros fenômenos. Dessa forma o estudo de caso para Gil (2002) consiste no estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento.

4. ANÁLISES E DISCUSSÕES

Com base na definição de espaço natural segundo J. Teixeira Coelho Netto buscou-se compreender o motivo do parque Central Park, em Nova York estar inserido nesta definição, já que na teoria do homem ocidental de espaço natural é aquilo que não teve intervenção do homem, como por exemplo, uma área de preservação permanente, que permanece intocada. Porém, para o homem oriental, espaço natural é aquele em que a natureza está presente. Sendo assim, o jardim de nossas casas ou até mesmo o cultivo de um simples bonsai já se enquadram nesta definição, mesmo sendo criados e modificados pelo homem.

O Central Park é um perfeito exemplo disso. Trata-se de um parque totalmente artificial, suas árvores foram plantadas e seus lagos foram criados. A intervenção do homem é evidente e clara, porém, não deixa de ser considerado um espaço natural, já que a natureza está evidenciada em toda a sua extensão. Aos olhos do homem ocidental ele não passa de uma mera construção, porém na definição de J. Teixeira Coelho Netto com base no homem oriental é um espaço perfeitamente natural.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho o tema apresentado teve como objetivo compreender o lugar em que o parque Central Park em Nova York ocupa em relação ao 4º Eixo: Espaço Natural x Espaço Artificial, de J. Teixeira Coelho Netto.

Em virtude do que foi mencionado, conclui-se que o Central Park se enquadra na definição de espaço natural, proposta pelo autor Netto, através do pensamento do homem oriental, o qual aponta que toda/ou qualquer vegetação, jardim ou até mesmo bonsai é uma amostra da natureza, esse pensamento apresenta-se através de uma controvérsia ao do homem ocidental. Sendo assim

podemos considerar o Central Park um espaço natural, mesmo que ele tenha sido totalmente construído pelo homem, pois ele se trata de uma amostra de natureza.

Cumpriu-se com todos os objetivos propostos, os quais foram discorrer sobre o 4º eixo organizacional: natural x artificial conforme J. Teixeira Coelho Netto; apresentar o Central Park e analisar o Central Park com base no 4º eixo organizacional. Desse modo este trabalho foi importante para o aumento do conhecimento e compreensão sobre o tema, pois através do aprofundamento do assunto e do estudo de caso ficou evidente a inserção do Central Park no espaço natural.

REFERÊNCIAS

ALVES, LUIZ AUGUSTO DOS REIS. O conceito de Lugar. 2007. Disponível em: <vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.087/225>. Acessado em: 18.nov.2016

ARQUITETANDO. **A Praça de São Marcos- Análise da forma urbana.** 2009 Disponível em: <<https://arquitetandoblog.wordpress.com/2009/04/13/veneza-a-praca-de-sao-marcos-analise-da-forma-urbana/>>. Acessado em: 20.nov.2016

BARROS, AIDIL JESUS DA SILVEIRA; LEHFELD, NEIDE APARECIDADE DE SOUZA. **Metodologia científica:** um guia para a iniciação científica. 2ª edição ampliada. São Paulo: MAKRON Books, 2000.

Bonsai. Disponível em: < <http://www.bonsaiempire.com.br/basico>>. Acessado em: 20.nov.2016

CENTRAL PARK CONSERVANCY. Disponível em: <centralparknyc.org/about/history.html>. Acessado em: 12.set.2016.

Floresta Virgem. Disponível em: <http://www.artzsale.com/page_amaz.html>. Acessado em 20.nov.2016

GIL, ANTONIO CARLOS. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa.** 4ª edição. São Paulo: AtLAS, 2002.

Hyde Park. Disponível em: < <http://mapadelondres.org/hyde-park/>>. Acessado em: 20.nov.2016

MEDEIROS, J. B.; TOMASI, C. **Comunicação Científica:** normas técnicas para redação científica. São Paulo: Atlas, 2008.

MERRIL, LINDA; ROGERS LISA; PASSMOREL KAVE. **Retratando os Estados Unidos da América: guia do professor.** 1º edição. National Endowment for the Humanities, 2008.

NETTO, J. TEIXEIRA COELHO. **A Construção do Sentido na Arquitetura.** 4ª edição. São Paulo: PESPECTIVA, 1999.

RAMOS, FERNANDO GUILLERMO VÁZQUEZ. **Espaço e lugar na arquitetura moderna:** duas divisões em contraposição. INTEGRAÇÃO, 2010. Disponível em:<ftp://ftp.usjt.br/pub/revint/67_60.pdf>. Acessado em: 18.nov.2016

RANOGAJEC. PAUL A. **Olmsted and Vaux, Central Park.** Disponível em:<<https://www.khanacademy.org/humanities/art-americas/us-art-19c/us-19c-arch-sculp-photo/a/olmsted-and-vaux-central-park>> Acessado em: 20.nov.2016.

VIANNA, ILCA OLIVEIRA DE ALMEIDA. **Metodologia do Trabalho Científico:** um enfoque didático na produção científica. 1ª edição. São Paulo: EPU, 2001.

WAXMEN, SARAH. Disponível em: <<ny.com/articles/centralpark.html>>. Acessado em: 12.set.2016.

ZEVI, BRUNO. **Saber Ver a Arquitetura.** 5ª Edição. São Paulo: MARTINS FONTES, 1996.